

A Narrativa Como um Espaço Discursivo da Identidade do Migrante

La Narrativa Como un Espacio Discursivo de la Identidad del Migrante

Eliane Righi de Andrade¹

Resumo

Este estudo de natureza discursiva e interpretativa objetiva trabalhar com indícios da memória de migrantes que vivem no Brasil por meio de suas narrativas e como se dá a construção de suas identidades, as quais nomeamos como espaços híbridos e limiares, os quais evocam ambientes culturais e linguísticos que se dão “entrelugares” e “entrelínguas”, em que o sujeito se constitui nas relações com o outro. Buscamos, assim, representações da identidade desse migrante que se deslocou para o Brasil por razões diversas e que vive num ser-estar entre línguas e culturas. Viver num país estrangeiro implica, ainda, a necessidade de se incluir em práticas sociais no lugar em que se encontra. Dessa forma, pretende-se discutir também as relações de poder que abarcam a construção das identidades, refletindo sobre os sistemas simbólicos que a constituem, as representações do outro, de sua língua e cultura, os estigmas que o cercam, bem como os espaços de resistência que se criam para sua sobrevivência. Para este trabalho, destacaremos do *corpus* de análise narrativas extraídas de reportagens especiais da *Folha de S. Paulo* com migrantes que vivem na cidade de São Paulo e de documentários disponíveis na plataforma digital *Youtube*, empreendendo uma análise de cunho discursivo sobre os recortes, que se organizam em eixos temáticos. Utilizamos da Análise do Discurso de linha francesa como dispositivo metodológico para empreender gestos de interpretação sobre o material e partimos, teoricamente, dos estudos discursivos e pós-colonialistas, tomando a língua como uma prática intercultural que constitui a(s) identidade(s) do sujeito. A partir da análise, podemos indiciar modos de se relacionar com o outro, de entender a singularidade e estrangeiridade que habita cada sujeito, de modo a (re)conhecer o outro como parte de nós, evocando outros olhares sobre o mundo e outras formas de se viver e existir.

Palavras-chave: identidade; interculturalidade; línguas; migrante; sujeito.

Resumen

Este estudio de naturaleza discursiva e interpretativa tiene como objetivo trabajar las memorias de los inmigrantes que viven en Brasil, a través de sus narrativas y de la construcción de sus identidades. Éstas las consideramos como espacios híbridos y límites, puesto que evocan ambientes culturales y lingüísticos que surgen “entrelugares” y “entrelenguas”, ya que el sujeto se constituye justamente en las relaciones con el otro. Buscamos, así, las representaciones de la identidad de ese inmigrante que se trasladó a Brasil por motivos diversos y que vive en un ser-estar entre lenguas y culturas. Vivir en un país extranjero implica, sobre todo, la necesidad de incluirse en prácticas sociales del lugar en que uno se encuentra. De esa forma, trataremos de discutir también las relaciones de poder que abarcan la construcción de las identidades, reflexionando sobre: los sistemas simbólicos que la constituyen, las representaciones del otro, de su lengua y cultura, los estigmas que lo cercan, bien como los espacios de resistencia creados para su supervivencia. Para este trabajo, del *corpus* de análisis destacaremos narrativas extraídas de reportajes especiales de la *Folha de S. Paulo* con migrantes que viven en la ciudad de São Paulo y narrativas extraídas de documentales disponibles en la plataforma digital *YouTube*, emprendiendo así un análisis de carácter discursivo sobre los recortes, los cuales se organizan en ejes temáticos. Nos valdremos del Análisis del Discurso de línea francesa como dispositivo metodológico para llevar a cabo la interpretación sobre

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Unicamp. Professora e pesquisadora na PUC-Campinas (PPG-LIMIAR), São Paulo, Brasil. Email: eliane.righi@puc-campinas.edu.br.

el material y partiremos, como base teórica, de los estudios discursivos y poscoloniales, pues, consideramos la lengua como una práctica intercultural que constituye la(s) identidad(es) del sujeto. A partir del análisis, podemos desprender modos de relacionarse con el otro, de entender la singularidad y la “extranjeridad” que habita cada sujeto, a fin de (re)conocer al otro como una parte de nosotros, evocando otras miradas sobre el mundo y otras formas de vivir y existir.

Palabras clave: identidad; interculturalidad; lenguas; migrante; sujeto.

1. Introdução

Este trabalho, que é um recorte de um projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido na Instituição, procura questionar a dicotomia estrangeiro X nativo, por meio dos estudos culturais, da identidade e da linguagem, partindo da desconstrução do pensamento logocêntrico, binário, que opõe o estrangeiro, o imigrante, à representação do nacional, do nativo, do materno, entre outras representações, imagens com as quais dialogaremos tanto no campo da linguagem quanto da identidade, a partir das representações que aparecem nas narrativas de migrantes que vivem hoje no Brasil, geralmente em situação de vulnerabilidade.

Nosso intuito é promover a discussão sobre as representações que emergem em suas narrativas e que reforçam (ou não) esse lugar de estrangeiro e/ou ressignificam o espaço de não-pertencimento, entendendo que a identidade é um processo sempre em construção e que esses sujeitos vivem identidades entrelugares, interculturais e entre línguas. Ainda que vivendo em um espaço outro, o migrante traz em suas narrativas memórias de uma identidade forjada em outras línguas e culturas, e sua identidade se configurará na relação entre elas, o que nos torna, como hospedeiros dessas pessoas, igualmente permeáveis à cultura e à língua desse outro, para com ele compartilhar novas formas de existência e valores.

Dessa forma, a pesquisa pretende contribuir para a discussão das subjetividades e identidades em (re)construção, consequência não só da globalização econômica, cultural e tecnológica, mas da precarização de grupos sociais, por razões diversas, o que torna os deslocamentos de grupos minoritários consequência das políticas globalizantes que ignoram os desprivilegiados. Pensar sobre essas diferenças num contexto de migração é pensar também sobre a construção de um espaço pluriforme, multicultural, em que o outro possa viver sua diferença, num mundo amparado por uma visão *pluriversalizante* (MIGNOLO, 2008), que respeita a diversidade questionando as narrativas unificadas, universalizantes, desenvolvidas por um modo único de conceber o mundo, e precipitando o deslocamento de um pensamento homogeneizante e hegemônico. Essas novas formas de ser sujeito tornam-se, assim, uma possibilidade de diálogo com o projeto da modernidade/colonialidade.

Os migrantes – sujeitos que evidenciam as falhas da organização moderna e, por isso, se tornam “indesejados” – representam grande parte da população à margem do sistema capitalista nas nações ricas. Esses indivíduos, muitas vezes, não têm direito a serem sujeitos de suas próprias histórias, além de renegados à miséria material pelo sistema produtivo. São frutos do modelo eurocêntrico de pensar a existência, consequência da colonização dos povos minoritarizados, cujas narrativas têm sido silenciadas pelos povos colonizadores. Dessa forma, nos propomos a refletir sobre modelos outros de se relacionar e de existir, bem como repensar o modelo hegemônico de “nação” que privilegia certas formações sociais e identitárias, baseadas no sistema econômico neoliberal.

A partir de um estudo inicial, pesquisamos os processos migratórios que vêm acontecendo no Brasil, os quais têm aumentado significativamente nas últimas décadas, concentrando-nos nos povos de maior fluxo no país, tais como bolivianos, haitianos e

venezuelanos, povos que, por razões diversas, revelam condições de vulnerabilidade em seus países de origem. Questionamos, então, como os migrantes projetam suas posições subjetivas e enunciativas no discurso, numa língua e cultura outra, que, para a grande maioria, é “estrangeira”, quando tomada como uma língua-cultura com a qual não tem familiaridade.

Isso significa que a cultura brasileira e a língua portuguesa serão significadas como espaços de acolhimento ou de hostilidade (DERRIDA e DUFORMANTELLE, 2003), ou ainda, como sugeriria Bhabha (1998), um “entrelugar”. Ambas as representações de hostilidade e acolhida podem ser indiciadas, pois aquele que acolhe nunca o faz incondicionalmente. E se, por um lado, aprender a língua do hospedeiro pode ser visto como um sinal de disposição do “estrangeiro”, migrante, de se integrar à cultura e sociedade que o acolhem, por outro, devemos nos questionar se há o desejo no migrante de fazer do Brasil uma morada permanente ou apenas uma heterotopia de passagem (FOUCAULT, 2013), circunstanciada pela situação em que se encontrava em seu país de origem. De qualquer forma, essa percepção está relacionada ao que já foi afirmado: a língua e a cultura estão em relação intrínseca com a formação das identidades, uma vez que as práticas sociais e linguageiras dão expressão à cultura e memória, compondo o lugar de sujeito no mundo. Assim, seria o migrante representante dessa subjetividade do “entrelugar”, apontada por Bhabha (1998) como fruto desses movimentos de “desnacionalização”? Podemos pensar então no sujeito como um misto de identidades, um ser em hibridação entre culturas e línguas? Com esse estudo, procuraremos, então, entender algo sobre os processos identitários, por meio de análise discursiva de sua narrativa, a fim de entender o outro por meio de olhares que não sejam só da sociedade hegemônica.

2. Algumas considerações teóricas

Esse modo de pensar línguas e culturas como um espaço “entre” valoriza as vivências, memórias e conhecimentos do outro e o ambiente intercultural que neles se promove, contribuindo para desestigmatizar o migrante como alguém que se encontra sempre em falta (DINIZ e NEVES, 2018).

Ademais, isso permite compreender que a língua e cultura do país que hospeda o migrante também não representa uma língua-cultura única. Segundo Canclini (2005, p. 237), a “interculturalidade propici[a] a continuidade de pertencimentos étnicos, raciais, grupais, nacionais”. Essa é a precondição para vivermos numa sociedade em que se socializa a partir da “aprendizagem das diferenças, no discurso e na prática dos direitos humanos interculturais” (CANCLINI, 2005, p. 237), respeitando e agindo eticamente em relação às formas diversas de representação sociocultural. Tal pensamento está em plena concordância com o contexto sócio-cultural em que o migrante se encontra, pois há a ilusão de identidade cultural e linguística completa na língua e cultura do país em que vive, quando essa completude não existe, pelo lugar sempre em falta que constitui o campo do simbólico. Em relação à língua do outro, talvez esse seja também um ponto de partida para acolher o migrante: o fato de que a língua portuguesa também não é completa para quem nela se constitui como primeira língua e também lhe é, de certo modo, estrangeira. Despojando-nos então das representações do estrangeiro como estranho, externo a nós, “abjeto”, por não o apreendermos em sua natureza diversa, talvez possamos aprender a lidar com a estrangeiridade que nos habita subjetivamente, constituindo-nos na diferença.

Em relação aos estudos sobre a identidade que também nos pauta, Bhabha (1998) questiona a noção moderna – que se consolidou a partir da fundação dos estados-nações – da construção de um modelo abstrato de identidade “autogerador”, baseado no pensamento de

povo como algo homogêneo, de significação estável, elegendo em sua discussão o pensamento da temporalidade do “entrelugar”, o qual

torna-se um espaço liminar de significação, que é marcado *internamente* pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural. (BHABHA, p. 1998, p. 209-210)

Em outra obra, Bhabha (2011) dialoga com Kristeva (1994) sobre a emergência do Outro em nós, desterritorializando as identidades. Segundo Kristeva, a partir do final do século XX, as culturas se mesclaram a tal ponto de “se avizinhar (...) alternar com a dos outros” e isso significa que “somos convocados pela força da economia, da mídia, da história, a coabitar” (KRISTEVA, 1994, p.204) um espaço compartilhado em que a presença do outro é sempre eminente, reforçando, assim, um modo de pensar *multinacional*, não supranacional, que estaria mais ao gosto da globalização neoliberal. Assim, há uma relativização do que é ser estrangeiro ou nativo nessa perspectiva que se aplica também às línguas, porque todos somos constituídos pela cultura e língua do Outro, tanto na realidade de ex-colônia, como na de países hegemônicos que se constituíram na miscigenação de povos, culturas, etnias e línguas.

Nessa discussão teórica, lidamos também com os conceito de língua como discurso, sujeito e memória, aliando-nos aos estudos de Foucault (2002) e de Pêcheux (1997). Por sujeito entendemos as posições no discurso que os indivíduos assumem, de acordo com suas formações socioideológicas. Entendemos, com Foucault (2002), ainda, que o sujeito é produto de processos contínuos de modelagem (através das tecnologias e de tecnologias de si), historicamente condicionado e permeado pelas relações de poder, o que faz com que alguns tenham sua voz legitimada em relação a outras vozes não hegemônicas, que são invisibilizadas no discurso, como nos parece acontecer em relação aos migrantes.

3. Alguns aspectos metodológicos

Essas noções teóricas também estão articuladas às escolhas metodológicas que brevemente relatamos a seguir. É uma pesquisa de caráter interpretativo-qualitativa, que faz uso da Análise do Discurso de linha francesa como dispositivo analítico, tomando as considerações de Gregolin (2006) sobre a organização e construção do *corpus* e entendendo que a produção de sentidos se dá discursivamente na relação da língua-estrutura (materialidade linguística) com a língua-acontecimento (história), ou seja, o discurso está articulado às condições de produção em que foi gerado. Quanto ao corpus de análise, esse está sendo selecionado a partir de uma pesquisa criteriosa de vídeos de migrantes postados em sites e redes sociais (alguns por nós transcritos) sobre os quais empreendemos uma seleção de recortes, a partir de regularidades discursivas, construindo eixos temáticos de análise.

Trazemos para a discussão nesse trabalho dois recortes do eixo temático “a hospitalidade hostil”. O primeiro recorte foi transcrito a partir de um vídeo da plataforma *Youtube* denominado *Rekomanse*² (2013), produzido por Ana Marinho et al., da Unochapecó, sobre haitianos que vivem na cidade. Trazemos para a análise as falas de um dos moradores, Daniel Decilmy. O segundo foi retirado de uma coletânea de reportagens e vídeos especiais

² “Recomeço” em português. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cd9zIqEfDUk&t=667s>. Acesso em: 10 Ago. 2020.

realizados pela *Folha de S. Paulo*³, em 2019, com migrantes que vivem na metrópole. Nessa reportagem, temos a narrativa de um grupo de bolivianas.

4. Impacto social e resultados esperados

Ainda que a pesquisa esteja em andamento, a partir da análise discursiva dos excertos, pretendemos reunir um conjunto significativo de representações que podem interferir na construção das (auto)representações do migrante e de quem o acolhe ou o hostiliza, reconfigurando ainda as representações que são feitas do migrante como um “estranho” entre nós, de modo a vê-lo como um sujeito circundado por desejos e resistências e que também nos constitui. Para os estudos linguísticos, trazemos a discussão de conceitos como plurilinguismo e interculturalidade nas relações de pertencimento e deslocamento migratório.

Referências

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BHABHA, H. *Our Neighbors, ourselves: contemporary reflections on survival*. Gruyter: KG/Berlin/New York, 2011.

DERRIDA, J.; DUFORMANTELE, A. *Anne Duformantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Editora Escuta, 2003.

DINIZ, L.; NEVES, A. O. Políticas linguísticas de (in)visibilização de estudantes imigrantes e refugiados no ensino básico brasileiro. *Revista X*, v. 13. n. 1, p. 87-110, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/61225/36629>. Acesso em: 04 abr. 2019.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 8ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo, n-1 Edições, 2013.

CANCLINI, N. G. Sociedades do conhecimento: a construção intercultural do saber. In: _____. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GREGOLIN, M. R. AD: descrever - interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In NAVARRO, P. (org.) *Estudos do texto e do discurso – mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz Editora, 2006.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro, 1994.

MIGNOLO, W. Novas reflexões sobre a “idéia da América Latina”. *Caderno CRH*, Salvador, v.21, n.53, p.239-252, Maio/Ago. 2008.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

³ Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/mundo/2019/imigrantes-sp/>. Acesso em: 10 Ago. 2020.